

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, UFRGS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE
FACED – FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Rodrigo Rosado Lorenzon

ReciclaMusicando:
**Práticas musicais através de
instrumentos construídos de material reciclado**

Porto Alegre

2013

Rodrigo Rosado Lorenzon

ReciclaMusicando:
Práticas musicais através de
instrumentos construídos de material reciclado

Trabalho de Conclusão do Curso de
Especialização em Pedagogia da Arte da
Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Profa. Dra. Luciana Prass

Porto Alegre

2013

RESUMO

A presente pesquisa se realizou com o intuito de conhecer e comparar projetos sociais que atuam simultaneamente com construção de instrumentos musicais a partir de material reciclado e educação musical. Assim foram pesquisados três projetos que atuam na Grande Porto Alegre: *Tambor Falante*, *Reciclave* e *ReciclaMusicando*. O projeto *Reciclave*, de Porto Alegre, o *Tambor Falante*, de Viamão e o *ReciclaMusicando*, que vem sendo realizado na Escola Estadual Rio de Janeiro, no projeto Mais Educação, em Porto Alegre, são projetos de proporções, metodologias de ensino e propostas de oficinas bem distintas, mas com um resultado final muito semelhante, com foco na prática musical coletiva e na conscientização ecológica através da reciclagem.

Palavras-chave: educação musical; ecologia; construção de instrumentos musicais; reciclagem; projetos sociais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, venho agradecer a todos os espaços e pessoas que se dedicam a me ajudar com o projeto *Reciclamusicando* desde a sua criação: amigos, familiares e donos dos bares e restaurantes que me fornecem todo o material utilizado nas oficinas do projeto.

Agradeço muito a minha orientadora Profa. Dra. Luciana Prass, por todos os momentos de leituras e ótimas idéias, que fizeram com que este projeto tomasse todos os rumos certos.

Agradeço aos dois coordenadores dos grupos pesquisados, ao Pedro do *Reciclave*, gratidão pelos momentos e trocas lá no parque Germânia! Ao Cândido do *Tambor Falante*, gratidão por abrir seu espaço! Aprendi muito com os dois. Cada momento, cada mensagem, foram muito incentivadores. As trocas de conhecimentos pelo simples amor à arte, à música, à conscientização!

Agradeço também a todas as pessoas que se comovem ao ver alguém tentando mudar e, apesar de sua rotina de trabalho não permitir a dedicação assídua de seu tempo para promover junto esse projeto, ajudam de diversas formas, como podem, para que o trabalho seja realizado, pessoas que mesmo de longe, ajudam a realizar a conscientização do *ReciclaMusicando*.

Gratidão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO 1 – ECOMÚSICA: A MÚSICA FEITA COM O LIXO.....	10
1.1. <i>Tambor Falante</i>	10
1.2. <i>Reciclave</i>	11
1.3. <i>ReciclaMusicando</i>	14
CAPÍTULO 2 – “CONSCIENTIZAR É A SOLUÇÃO!” MOTIVAÇÕES E SEMELHANÇAS ENTRE PROJETOS COM MÚSICA E RECICLAGEM NA GRANDE PORTO ALEGRE.....	19
2.1. Trabalhar música com reciclagem.....	19
2.2. Metodologias na prática musical com instrumentos reciclados.....	26
2.3. Conscientização através da Educação Musical	31
2.4. A luta dos gêneros.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXOS.....	44

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa surgiu da crença de que estamos aqui na terra para somar, sempre na intenção de contribuir à evolução, de compartilhar conhecimentos e informações que estudamos por anos. E ver alguém crescer através desse conhecimento que adquirimos é muito motivador e faz-me acreditar dia-a-dia que temos que fortalecer cada vez mais o ensino, não só de música, mas de todas as disciplinas, pois, a cada dia que passa e em cada momento vivido, estamos em constante processo de aprendizagem.

Desde pequeno fui, gradativamente, aprendendo a ter sensibilidade com a música pois aos sete anos ingressei no Projeto Prelúdio da UFRGS participando de aulas semanais de flauta doce e canto coral. Após fazer dois anos de Laboratório Musical conjuntamente com aulas de violão, ingressei na Orquestra Mirim do Prelúdio participando por mais dois anos até o ingresso da Orquestra Infanto-Juvenil. A experiência de dez anos foi muito rica, da qual me orgulho muito. Saí de lá com 17 anos.

Já na adolescência, entrando para fase adulta, dediquei-me à música popular por interesse em conhecer uma nova área musical, já que o projeto Prelúdio tinha seu foco, à época, na música erudita. Antes de ingressar na faculdade de música tentei outros cursos de graduação em diversas áreas, sempre desenvolvendo paralelamente projetos musicais com amigos e com colegas desse trabalho que se resume na cena musical dos bares da cidade e das aulas particulares de violão, baixo e guitarra. Aos poucos fui me constituindo em um músico.

No ano de 2007, convencido de minha trajetória, transferi meu curso de graduação para a Faculdade de Música do Instituto Porto Alegre (IPA), onde me encontrei sentindo o valor e o amor do ensino demonstrado na transmissão de conhecimentos e aprendizados mútuos dessa troca entre professores e alunos. Durante o curso, já nos estágios de conclusão, iniciei a construção de um projeto que, aos poucos, foi tomando corpo e com o tempo, estava nascendo o *ReciclaMusicando*. Meu trabalho de conclusão de curso à época foi desenvolvido a partir de uma primeira experiência com o *ReciclaMusicando*.

Uma das fontes de inspiração teórica e prática para isso foi o livro “Instrumentos Sonoros Alternativos - Manual de construção e sugestões de utilização”, do professor Júlio da Costa Feliz (2002). Neste primeiro momento, escolhi a Escola Estadual Dr. Emílio Kemp, em quatro turmas de quinta à sétima série do Ensino Fundamental para trabalhar. Construimos tambores de lata, flautas de garrafa, chocalhos com garrafa pet e reco-recos feitos com bambu, trabalhando coletividade e ritmo. A proposta foi muito bem aceita pelos alunos e pela coordenação docente.

No semestre seguinte apliquei a idéia de trabalhar com reciclagem na Escola Estadual Presidente Roosevelt, em três turmas de primeiro ano do Ensino Médio. Já com maior experiência, além da construção coletiva de instrumentos e da prática de conjunto, incluímos exercícios de composição.

Ampliando para projetos não-escolares, atuei junto ao Instituto de Assistência e Proteção à Infância - IAPI, com crianças da Vila Maria da Conceição, da Vila São Pedro, da Vila São José, entre outras do Bairro Partenon. Lá foquei o trabalho na apresentação de músicas autorais, contando com a participação de músicos profissionais para ensaios e para a apresentação final. Foi quando o *ReciclaMusicando* se concretizou. Daí em diante, nunca mais deixei de trabalhar com construção de instrumentos musicais a partir de material reciclável.

Após ter sido indicado à Escola Estadual Rio de Janeiro para trabalhar como monitor de percussão no projeto Mais Educação, foi que tomei a iniciativa de apresentar o *ReciclaMusicando* para uma escola regular. Diferentemente do que acontecera nos estágios do curso de graduação anteriormente citados, quando criei o projeto para ser realizado em curto prazo, ao apresentar a proposta nesse novo formato, ela foi aceita no ato, e dei início aos trabalhos em março de 2012.

Mas será que outros projetos semelhantes no estado têm as mesmas motivações? Essa pergunta foi a inspiração para iniciar minha pesquisa de especialização cujos resultados compartilho neste texto.

Para desenvolvê-la, além de diários de campo das oficinas, realizei entrevistas com outros dois educadores/oficineiros envolvidos com propostas similares: do grupo *Tambor Falante*, de Viamão e do *Reciclave*, de Porto Alegre.

Ambos os projetos, assim como o *ReciclaMusicando*, que coordeno, são de cunho social e de educação musical.

E com base nesse assunto coloco a citação de Kater (2004), ressaltando que:

A direção do processo educativo musical em ações sociais parece sempre se desenvolver de maneira análoga à de como escrevemos um texto ou criamos uma música. Temos um projeto em mente, algumas hipóteses de construção, várias informações disponíveis, muitas idéias a realizar, inúmeras alternativas de desenvolvimento, inimagináveis possibilidades de agenciamento... Lidamos com diálogos, da consciência de onde estamos com a emergência daquela onde estaremos no instante seguinte. Possuindo acesso a rico patrimônio de conhecimentos, técnicas e métodos diversos, a dificuldade maior de trabalho reside no encontrar uma linha, um fio condutor que dê sentido às idéias básicas, organicidade lógica a todo o discurso, coerência entre ser, pensar, fazer. Por isso especialmente nos primeiros momentos, mas ao longo do processo também, necessitamos da justa percepção de quem somos e quem são aqueles que procuramos formar, tão necessário saber ouvir o que há a ser dito (padrões e expectativas), tão importante forjar recursos de expressão a partir da exploração de potenciais (KATER, 2004, p. 50).

A metodologia remete diretamente à maneira de trabalhar o objeto da pesquisa. Remete à ação pela qual serão alcançados os resultados esperados ou previstos. Esta pesquisa foi realizada, portanto, através de relatórios de observações e de conversas com os alunos das oficinas de construção de instrumentos musicais pelo *ReciclaMusicando* que está sendo realizado no projeto Mais Educação da cidade de Porto Alegre junto à Escola Rio de Janeiro, situada no Bairro Cidade Baixa, também em Porto Alegre, e que ocorre no turno inverso das aulas da escola, com uma das turmas do turno da tarde com alunos do 4º ao 6º anos, além de observações e entrevistas com os coordenadores dos já citados *Tambor Falante* e *Reciclave*.

Para reforçar a consistência do diário de campo em projeto de pesquisa trago um trecho de um do texto da revista *Textos & Contextos*:

O diário de campo consiste em uma forma de registro de observações, comentários e reflexões para uso individual do profissional e do aluno [...]. Pode ser utilizado para registros de atividades de pesquisas e/ou registro do processo de trabalho [...]. Refere ainda que o diário de campo pode ser organizado em três partes: (1) descrição; (2) interpretação do observado, momento no qual é importante explicitar, conceituar, observar e estabelecer relações entre os fatos e as conseqüências; (3) registro das

conclusões preliminares, das dúvidas, imprevistos, desafios tanto para um profissional específico e/ou para a equipe, quanto para a instituição e os sujeitos envolvidos no processo. (LIMA, Revista Textos & Contextos de Porto Alegre, jan./jun. 2007, p. 99).

Com esta pesquisa pude entrar em contato com outros músicos e educadores que trabalham com essa proposta de aulas de música a partir da construção de instrumentos com material reciclado, no RS, e verificar quais suas motivações, procedimentos, dificuldades, conquistas, estabelecendo um diálogo com o projeto que desenvolvo há três anos acreditando que, segundo Gil (2002, p. 18), “uma pesquisa sobre problemas práticos pode conduzir à descoberta de princípios científicos. Da mesma forma, uma pesquisa pura pode fornecer conhecimentos passíveis de aplicação prática imediata”.

CAPÍTULO 1 – ECOMÚSICA: A MÚSICA FEITA COM O LIXO

1.1. *Tambor Falante*

Buscando uma introdução sobre o projeto *Tambor Falante*, antes de conversar com seu coordenador, encontrei as seguintes informações no site do projeto:

“Tubos de PVC, pedaços de madeira, chaves velhas, garrafas pet e troncos de árvores. Todo esse material é música para os integrantes do *Tambor Falante*, um grupo de percussão formado por estudantes de Viamão que criam instrumentos a partir do lixo. O trabalho é fruto das oficinas ministradas gratuitamente por Cândido de Castro, instrumentista autodidata, que iniciou suas pesquisas com reaproveitamento de sucata em 2004. Atualmente, as oficinas chegam a ter 30 alunos, com idades entre 8 (oito) e 15 (quinze) anos. As aulas acontecem periodicamente aos sábados pela manhã em sua casa no Bairro Aparecida, na Cidade de Viamão e são abertas a todos os interessados. Cândido, que também atua no mercado de seguros, conta que os encontros são divididos em duas partes, uma para pesquisa e montagem dos instrumentos, e outra para os ensaios do grupo. As aulas iniciam com um estudo sobre a origem de cada peça e os materiais que podem ser utilizados, prosseguindo com a confecção dos instrumentos” (site do projeto¹).

Em nosso primeiro encontro, Cândido de Castro, coordenador do *Tambor Falante*, se apresentou assim:

Bom, meu nome é Cândido de Castro, né! E o nome do nosso projeto é *Tambor Falante*. Ele teve início em 2006 lá na cidade de Viamão e atualmente ele funciona na minha residência mesmo. As crianças vão lá todo sábado das 10h às 11h [da manhã] e a gente estuda os ritmos, né, e cria instrumentos também, instrumentos alternativos, reciclados. Isso aí (Cândido de Castro, entrevista em 19 de outubro de 2012).

¹ Projeto Tambor Falante: <http://www.tamborfalante.com.br/>, 2004.



Cândido oferece sua casa como local de ensaios e oficina para a confecção, manutenção e estoque de todos os materiais do grupo e outros que estão à venda. Instrumentos convencionais, uns comprados em loja e outros feitos artesanalmente, junto com os reciclados do projeto. Segundo Cândido, o aluno, ao ver que o instrumento que ele mesmo fez está sendo executado juntamente com instrumentos musicais convencionais, sente-se valorizado pois percebe que aquilo que ele produz através da reciclagem também é arte, também é música.

1.2. *Reciclave*

Pedro Henrique de Souza Sena, fundador do Projeto *Reciclave*, é músico, baterista e percussionista, acadêmico do Curso de Administração da Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre.

Encontramo-nos em um domingo de sol no parque Germânia em Porto Alegre, sendo que no mesmo dia, havia uma apresentação dos Concertos Zaffari no parque. Com o parque lotado devido ao show, nos reunimos logo perto de uma das entradas, pois ele é gradeado. Eu levei de presente ao Pedro um pequeno kit com os instrumentos que estou construindo no *ReciclaMusicando* e ele ficou emocionado, dizendo que iria utilizar esses instrumentos com todo carinho e dedicação em suas apresentações. Com um pano estendido no chão, foram

espalhados todos os materiais que são utilizados na sua oficina: latas de cerveja, lata de tinta, cano de ferro, garrafa pet cheia de água, entre outros materiais, e, inclusive, os que eu lhe trouxera de presente.

Muitas idéias, papos, e muita diversão se concretizaram nesse momento de fazer música juntos enquanto trocávamos informações sobre materiais e idéias de instrumentos. Trocamos muitos conhecimentos e informações que certamente servirão para novos experimentos em ambos os projetos. Logo em seguida chegou um amigo que Pedro convidou, com o violão, quando então tocamos várias músicas de autoria própria desse amigo e várias conhecidas do público todas acompanhadas pelos instrumentos reciclados. Não demorou muito tempo para despertar o interesse do pessoal que passava por perto, principalmente as crianças se aproximavam e logo as convidamos para tocar junto, já se iniciando um processo pedagógico. Algumas foram instruídas no instante que passavam por perto. Ficamos fazendo música a tarde toda de forma orgânica e tranqüila, sem montar arranjos, mantendo sempre a improvisação como fonte inspiradora, até pararmos para eu realizar as perguntas da entrevista e depois seguirmos com música até chegar a hora de ir embora. Pedro apresentou-se assim:

Meu nome é Pedro Henrique Senna e o nome do meu projeto é *Reciclave*, que é a união de reciclar com clave de música, então musica com material reciclável. *Reciclave!* Eu trabalho com material reciclável desde que comecei minha carreira de músico, há mais de nove a dez anos. Mas o *Reciclave* foi instituído e levado como projeto a sério há um ano exatamente e ele não tem local fixo pra ocorrer. Ocorre em praças, parques, colégios, faculdades, empresas, cada um com foco diferente. Depende muito da idade! Parques e praças é mais pra o pessoal se conscientizar quanto ao descarte. Escolas já pro pessoal, dependendo da idade também, que existe outra vida naquilo, até mesmo falando de soluções e problemas sociais além do problema ambiental. O pessoal mais ali do segundo grau, aí já mostra, além da parte da consciência, que não é só festa né, cara. Que tudo eles descartam... mostrar que tem que ter respeito com as outras vidas, mostrar a amplitude de vidas que tão em volta deles e a diferença que faz, que [o que] pra eles é lixo, pra mim pode ser arte e pra um terceiro alimentação. E ainda o pessoal de faculdade, mostrando [pra eles] as diversas formas de reutilizar [o lixo], até porque eu faço administração e isso, quem não sabe reutilizar facilmente quebra. E já em empresas, falando sobre o descarte e reaproveitamento do próprio material que eles têm, que eles usam pra consumo ou até mesmo de consumo. E como estou sempre girando, eu não tenho um ponto fixo, geralmente é Porto Alegre (Pedro, entrevista em 21 de outubro de 2012).

Sobre o *Reciclave*, encontrei no site da faculdade Dom Bosco² de Porto Alegre o seguinte texto:

O Projeto *Reciclave* é um projeto musical que recicla o lixo para a confecção de instrumentos musicais de percussão. Pedro Sena, o criador do projeto, proporciona oficinas musicais para que pessoas de todas as idades aprendam a transformar o lixo em instrumentos de percussão. O músico afirma que o projeto nasceu da idéia de mostrar para as pessoas que o lixo que é descartado possui utilidade, que todo e qualquer material possui som, ou sons diferenciados, o que pode ser usado para explorar diversos ritmos e musicalidades. Atualmente o projeto tem como característica reverter o conceito que as pessoas possuem sobre lixo, já que dele pode existir música e arte, desta forma, Pedro pretende conscientizar as pessoas de que o lixo tem um lugar a ser colocado, o qual não é o chão e que o mesmo deve ser bem separado para que possa ser reciclado. Com foco nesse pensamento, Pedro Sena segue promovendo oficinas de música para quem tem curiosidade sobre o projeto, sempre conscientizando as pessoas sobre a importância da separação e do descarte do lixo em local adequado. Pedro afirma que faz música com material reciclável há uns oito ou nove anos, mas que o *Reciclave* tem pouco mais de um ano ativamente. O Projeto abrange inclusão social, consciência ambiental e exploração da musicalidade que é abordada de modo aleatório em locais urbanos frequentados por pessoas de todas as idades. Desde que começou a reciclar lixo para confecção dos instrumentos, Sena utiliza a internet como ferramenta de divulgação do seu trabalho. No site do YouTube, por exemplo, é possível encontrar vídeos onde ele demonstra como tirar diversas sonoridades de um mesmo objeto



² Reciclave – Site da faculdade Dom Bosco: <http://www.faculdedombosco.edu.br/noticias-detalhes.php?id=1107>



1.3. *Recicla Musicando*

Diário de campo, 03 de Outubro de 2012.

Assim que subimos para a sala de aula, reuni a turma para conversarmos sobre os ritmos a partir dos quais compusemos as músicas³, pois, notei algumas dificuldades da parte deles. Logo que expressei este fato, os alunos comentaram que no reggae a dificuldade seria ainda maior.

*A turma estava bem mais agitada e um tanto dispersa. Por várias vezes tive que chamar sua atenção. De modo geral, parecia que todos estavam com vontade de ir pro pátio e não fazer nada, até eu tomar a iniciativa de espalhar os instrumentos em círculo, como sempre fazemos nos ensaios, e aos poucos, o interesse dos alunos foi sendo reconquistado. Divididos por naipes de instrumentos, fomos exercitando a marcação do reggae, com o violão e ajuda das vozes de quatro alunas, e cantamos por várias vezes a música *Salve a Natureza*⁴: marcação nos tempos um e três do compasso quaternário para os tambores, e colcheias com acentuações para os grupos de chocalhos. Durante a prática, algumas brincadeiras e piadas ocorreram, pois tenho dois alunos que já têm uma experiência mais avançada com percussão e acabam, por alguns momentos, cobrando e debochando dos colegas com mais dificuldade. Por várias vezes eles me auxiliam no ensino, mas há momentos de conflitos. Neste caso, as alunas que estavam tocando chocalho perderam o pulso da música. Até por ser uma marcação contínua, o cansaço dos*

³ Letras disponíveis nos anexos deste projeto.

⁴ Letra composta pela turma, em um exercício de trabalho em grupo.

braços acaba sendo um inimigo na performance musical. Tudo foi uma questão de esclarecimento junto com um pedido para que não seja feita tanta cobrança, muito menos deboche, em relação aos colegas.

Já em outro caso, um aluno que se fixa no naipe dos tambores junto com os mais avançados, apresenta algumas dificuldades de ritmo. Ele sabe tocar super bem, mas por vezes não consegue manter o pulso e a dinâmica, e acaba atrapalhando o restante do grupo. Essa questão trouxe mais uma vez um distúrbio em sala de aula no dia de hoje. O aluno teve algumas dificuldades em acertar a marcação nos compassos, mais especificamente, nos tempos um e três fazendo com que seus colegas de naipe chamassem sua atenção e ele acabou se constrangendo e quis parar de tocar. Mas logo em seguida fizemos um trabalho individual de ritmo, até ele acertar e corrigir todas as dificuldades e voltar a tocar com o grupo.

...



Atualmente, nas oficinas que coordeno, o objetivo principal é mostrar a proximidade de cada um com os materiais utilizados, conscientizar os estudantes sobre a reciclagem através da prática de conjunto musical focando, não só o trabalho em grupo na construção dos instrumentos, mas também na execução musical. Através dessas oficinas de construção de instrumentos e de prática musical, a música é veículo em um caminho de conscientização para trabalhar um

fato que tanto nos preocupa hoje em dia que é a reciclagem. E aproveitando para destacar que, conforme Campos,

outro aspecto relevante à Educação Ambiental foi desenvolver a consciência ambiental nos cidadãos. É uma proposta desafiadora, pois há necessidade de despertar nas pessoas a visão crítica da realidade vivenciada, isto é, de rever os conceitos, os hábitos de consumo, os valores e as atitudes, a fim de produzir as mudanças comportamentais e atitudinais necessárias à qualidade de vida (CAMPOS, 2003, p. 03).

Além de mostrar a proximidade de cada estudante com os materiais utilizados na construção de instrumentos musicais, as oficinas visam conscientizar a reciclagem através da prática de conjunto musical focando não só o trabalho em grupo na construção dos instrumentos, mas também na execução musical através da prática de diversos ritmos com todos os instrumentos que foram construídos, sendo que todos os alunos aprendem a tocar os instrumentos e, posteriormente, são separados por naipes para execução em conjunto, trabalhando na intenção de se apresentar publicamente.



Nesse sentido, trago essa citação de Beineke (2003), que ressalta que

os trabalhos em pequenos grupos são especialmente importantes nas atividades de composição e arranjo musical, nas quais os alunos têm a oportunidade de discutir suas idéias musicais com os colegas, todos contribuindo em favor de uma produção própria comum ao grupo, cada um participando com o que sabe, com os seus valores, suas habilidades, suas preferências (BEINEKE, 2003, p. 94).

Na proposta do *Reciclamicando* executamos músicas autorais compostas pela turma e ritmos que foram trabalhados no decorrer de cada ano. Procuo proporcionar aos alunos a participação em uma apresentação autoral com a colaboração de músicos profissionais, para que vivenciem uma apresentação “de verdade”. Neste sentido, trago esta citação de Cerveira que ressalta que:

O fazer musical pode ser motivado pela construção e exploração destes instrumentos. Além dos objetivos específicos da musicalização, a criança pode desenvolver seu espírito de cooperativismo bem como a socialização, a criatividade, improvisação e a desinibição, fatores estes necessários para a formação de um ser humano e de um artista. Uma vez que este é um tema relevante para a educação no Brasil (CERVEIRA, 2005, p. 1).

Vale reforçar que o trabalho do *Reciclamicando* sempre foi focando na prática de conjunto e na conscientização. Quando todo mundo constrói e toca os instrumentos reciclados, além de realizar a reciclagem durante o projeto, acaba-se por fomentar a cultura ecológica e musical no bairro e dentro de casa pois cada aluno atingido pelo projeto fica com os instrumentos feitos de lixo que produziu. A caminhada do *ReciclaMusicando* visa contribuir para mudar o modo como a população hoje vive, trabalhando a coletividade, o coleguismo, em busca da harmonia com a ecologia e com a música.

Para a juntada de alguns materiais recicláveis foi necessária a parceria com bares, restaurantes, lancherias e até com amigos, a fim de qualificar a produção do trabalho em vista do número elevado de crianças contempladas pelo *ReciclaMusicando*. Todo esse material para as oficinas adquiri através de ótimos contatos e apoios⁵. Assim, o “lixo” que seria jogado fora e que provavelmente cairia em algum espaço, poluindo o meio ambiente, passou a ter mais uma utilidade. Neste sentido,

o lixo faz parte da vida cotidiana da população e, por todos os problemas ambientais e questionamentos presentes em seu contexto, às instituições que trabalham com educação formal e informal o inserem, normalmente como tema de estudo, tanto nos conteúdos programáticos das disciplinas como tema transversal, quanto nos Programas de Educação Ambiental. O lixo é utilizado de diversas formas em práticas educativas, destacando-se aquelas que o relaciona com as questões ambientais locais e globais. Dentre as

⁵ Quero expressar minha gratidão aos apoiadores do *Reciclamicando*: Casa de Praia Bar, A Virgem Espaço Cultural, Temakeria Japesca, Sushi Seninha, Brasil Pizzas e Lancheria Crisp's.

diversas atividades desenvolvidas, as mais freqüentes são as campanhas de coleta seletiva, as visitas a lixões e/ou a aterros sanitários e a oficina de materiais reciclável, mais conhecida como oficina de sucatas (CAMPOS, 2011, p. 2).

O dia de realização das oficinas, oferecidas uma vez por semana, é quarta-feira. Existem quatro turmas no projeto da escola, sendo duas no turno da manhã e duas no turno da tarde, divididas por idades. Para a realização deste projeto de pesquisa, selecionei somente uma dessas turmas, que é a turma do sexto ano do Ensino Fundamental, do turno da tarde.

Nessas oficinas sempre começo as atividades apresentando os materiais que serão trabalhados na confecção dos instrumentos e fazendo um breve relato sobre reciclagem, que se inicia com uma proposta de aproximação de todos esses materiais até chegarmos ao processo de como construir cada instrumento.



CAPÍTULO 2. CONSCIENTIZAR É A SOLUÇÃO! MOTIVAÇÕES E SEMELHANÇAS ENTRE PROJETOS COM MÚSICA E RECICLAGEM NA GRANDE PORTO ALEGRE

2.1. Trabalhar música com reciclagem

Com o avanço constante do desenvolvimento de novas tecnologias, especialmente após a popularização da internet, alteraram-se fortemente as formas de escuta. Onde não havia o costume de se ter música soando, tornou-se um hábito ou um costume normal e saudável a sua presença: música na cozinha, na hora de preparar uma refeição, na sala de espera de um consultório, na ambiência de lugares como bares e restaurantes. E essas músicas, em grande parte, são executadas de forma digital e por meios mecânicos. Para fortalecer ainda mais esta idéia trago esse comentário e uma questão que Murray Schafer (2011) levanta em seu livro *O Ouvido Pensante*:

Hoje, ouve-se mais música por meio de reprodução eletroacústica do que na sua forma natural, o que nos leva a perguntar se a música nessa forma não é talvez a mais “natural” para o ouvinte contemporâneo; se for assim, não deveria o estudante compreender o que acontece quando a música é reproduzida desse modo? (SCHAFER, 1986, p. 110).

Muitas pessoas talvez tenham se desinteressado em escutar certos sons, especialmente os acústicos, pois podem agora escolher que tipos de som e músicas querem ouvir sabendo que há grande oferta delas em formato digital. Segundo Fonterrada (2004):

A música sempre fez parte da vida humana, desde o seu início. Hoje, após tanto tempo, a música continua muito presente no mundo, de tal modo que é praticamente impossível encontrar alguém que não tenha algum tipo de contato com ela. Esse contato pode ser ativo ou passivo. No contato ativo, você canta, toca ou ouve a música. No passivo você não decide se quer ou não ouvir a música, mas se encontra num ambiente em que a música lhe é imposta. Outra maneira de contato passivo é a música de fundo, que fica soando o tempo todo, mas você nem escuta. A música está em toda parte, no rádio, na TV, no supermercado, no teatro, nas praças e ruas da cidade, na igreja, no trânsito, no elevador e no consultório médico. Na maior parte desses lugares, o contato com ela é predominantemente passivo (FONTERRADA, 2004, p. 07).

Dessas constatações surgiu minha proposta de trabalhar, ao mesmo tempo, com música e construção de instrumentos a partir de materiais reciclados e dessa prática que passei a desenvolver com estudantes de escolas da rede pública, no contraturno de suas aulas, nasceu o desejo dessa pesquisa, acreditando que “os instrumentos construídos são apenas um meio para chegar a outros assuntos e introduzir estilos musicais e sonoridades anteriormente desconhecidas pelos participantes” (GOHN, 2007, p. 2). Pensando em uma forma de paisagem sonora diferenciada, influenciada nos conteúdos dos escritos de Murray Schafer, temos a possibilidade de explorar novos timbres, novos estilos de tocar com cada instrumento que é construído agradando ou não ao ouvinte, até mesmo porque no cotidiano da vida contemporânea temos diversos tipos de sons e, se pode dizer, poluição sonora constante. Schafer ressalta o seguinte:

[...] dirigir os ouvidos dos ouvintes para a nova paisagem sonora da vida contemporânea e familiarizá-los com um vocabulário de sons que se pode esperar ouvir, tanto dentro como fora das salas de concerto. Pode ser que os ouvintes não gostem de todos os sons dessa nova música, e isso também será bom. Pois, juntamente com outras formas de poluição e esgoto sonoro de nosso ambiente contemporâneo não tem precedentes na história humana (SCHAFER, 1986, p. 111).

Hoje em dia, para músicos e estudantes de música, é muito fácil e prático ir a uma loja, sacar o cartão de crédito, e comprar um instrumento que, grande parte dos músicos e consumidores, não sabe nem de que material é feito, como foi construído e, no caso de necessitar fazer algum ajuste, não saberia como fazer. Com tudo isso, projetos que trabalham com construção de instrumentos contribuem ao desenvolvimento de uma maior percepção sobre essas questões. A seguir trago algumas idéias e motivações dos dois grupos que pesquisei, efetuando comparações com outros aspectos relevantes junto ao projeto que ministro.

Cândido de Castro, coordenador do grupo *Tambor Falante*, tem motivações muito próximas das minhas, com o *ReciclaMusicando*. Ambos os projetos focam na construção de instrumentos em grupo a partir de materiais do nosso cotidiano. Em entrevista, Cândido afirma essas constatações:

A idéia é assim ó: vêm de ver também vários outros grupos que estão fazendo isso. O grupo *Uakti* [de Minas Gerais] também. A gente teve num show do *Uakti* que deu aquela possibilidade de estar criando esses instrumentos e a necessidade também de comprar

instrumento. Os instrumentos de percussão são muito caros e o diferencial [é] de criar o próprio som, aquela coisa tua né, que é o teu som que nenhum outro tem, que é o som do instrumento que tu fez. Personalizar a musica, né? (Cândido, comunicação pessoal em 19 de novembro de 2012).

Na fala de Cândido ele ressalta a ideia de imprimir a personalidade individual e do grupo “no som”, a partir da construção do seu próprio instrumento. Onde se pode buscar seus próprios timbres, coisa que não é oferecida quando se compra um instrumento em loja. Tocar o instrumento feito artesanalmente, onde a busca do timbre ideal se dá como uma conquista.

Já para Pedro Henrique Senna, o *Reciclave*, de Porto Alegre, tem motivações muito parecidas, mesmo com uma proposta metodológica diferenciada, na qual, suas oficinas, ocorrem nas praças da cidade, sem ter uma turma fixa. Pedro ressalta que:

Na verdade assim ó, [a] minha história com o reciclável, começou há [...] uns dez anos. Foi numa festa! E a gente fez entre amigos. Ninguém tinha muita grana. [...] Um amigo tinha uma guitarra e outro tinha uma caixa de som, o pessoal tocando e um *brother* começou a batucar nas cadeiras do bar do outro amigo. Aí eu olhei: pô, se eu sentar ali faço um som bacana! Achei comigo, parei e aí os caras me descobriram um baterista. E aí há uns dois anos atrás, velho, há dois, três anos atrás, por acaso eu comecei a encontrar amigos aqui no [Parque] Germânia mesmo, ele tocando uma viola e juntando as [garrafas de] *longneck* que ele jogava num cantinho, e aí ele mando um [som da] *Ultramen* e eu: Ó meu, me empresta ali que eu vou fazer um som com meu chaveiro e a *longneck* contigo! E começou a juntar gente, juntar gente, e por acaso ele sempre me encontrava aqui com um par de baquetas. E o pessoal aqui no sábado, aqui jogando lixo, não é nem a 3x4 né, meu?! É a 12x18! [risos] Fazia o som com ele e juntava gente. E ele: ô, mano, põe um nome nisso aí, grava um vinilzinho e tal. Saca? Põe! De repente dá certo! Gravei na ingenuidade total e larguei [a gravação] e o negócio fez “bum”! **Veio a idéia mesmo veio de mostrar pra gurizada aí, que tudo que eles jogam no chão é muito mais do que lixo. Aquilo ali não é lixo, lixo é o que não tem mais utilidade, né cara? O resto é descarte, é reciclável, é reutilizável.** Então a idéia vem disso aí: mostrar que o pra “eles” é simplesmente descarte, pra outras pessoas pode ser arte, pode ser alimentação existem muito mais vidas envolvidas nisso que simplesmente a dele de consumir e largar no chão. Essa é a idéia (Pedro, comunicação pessoal em 21 de outubro de 2012). Grifo meu.



“Lixo é muito mais que do que lixo”. Ao tratar da reação das crianças e participantes da oficina, após reutilizar o “lixo”, a fala de Pedro sinaliza que estamos falando de um processo que é evolutivo na parte da idéia humana. Conscientizar a todos é uma questão muito importante, já que a reciclagem de lixo trata-se de um problema global. Exige distanciamento de uma linha de pensamento capitalista/consumista que só se interessa em adquirir coisas novas e o que não se usa mais no momento é jogado fora. Vale acrescentar a conclusão de pesquisa de mais uma educadora musical aqui do estado, fonte de grande inspiração para realização de todo o meu projeto com recicláveis, Maria Cecília Torres, que diz o seguinte:

A proposta [de construção de instrumentos musicais], além de estimular a pesquisa sonora, a criatividade, a improvisação musical, a socialização e a oratória está ainda inserida nos territórios do cotidiano do aluno. A título do material que foi produzido, pode-se indicar a criação de composições musicais, com a grafia de partituras analógicas, a gravação e apresentação das peças em um grande grupo, talvez sob a forma de uma pequena sinfonia ou ópera. Não apareceu nenhum instrumento igual ao outro, pois, mesmo tendo muitas semelhanças no aspecto visual, na parte sonora guardavam suas características individuais e particulares. Sem dúvida os alunos demonstraram, nesse processo de construção, o seu ser individual (TORRES, 2002, p. 149).

Uma simples garrafa de refrigerante, por exemplo, é fruto de uma produção em grande escala, e é gerada, simplesmente, para o consumidor desfrutar do produto e depois jogá-lo fora. Para os consumidores comuns, aquela garrafa vazia é lixo. Para outros é arte! Poderia citar inúmeros exemplos de materiais que são feitos com garrafas *pet*, mas para não fugir muito do assunto trago como exemplo os chocalhos produzidos pelo *ReciclaMusicando*, no qual recebo por doação, todo estoque de garrafas de uma pizzaria e uma lancheria. Esses locais, que têm grande

estoque de materiais recicláveis que, por vezes, acabam virando “lixo”, também se preocupam com a conscientização e reciclagem, me permitem organizar um grande estoque de materiais a fim de oferecer instrumentos a todos os participantes das oficinas.

No *Tambor Falante*, segundo Cândido, funciona assim:

[...] Minha esposa tem uma estética. Então, tem muita embalagem de sobra, plástica, que a gente reutiliza. Madeiras também a gente usa bastante. Madeiras de restos de armário, pegadas na rua mesmo. A gente acha em *containers*. Não temos nenhum fornecedor, tudo a gente constrói: bombonas de água viram zabumbas, todas doadas ou pegadas de casa mesmo. (Cândido, comunicação pessoal em 19 de novembro de 2012).

Já com o *Reciclave*, não é muito diferente, apesar de que Pedro tem uma forma muito interessante de colher seus materiais. No percurso da sua casa até o local da oficina, geralmente o Parque Germânia, todos os materiais que ele encontra jogados na rua e que podem ser utilizados para fazer música, são recolhidos e levados para a oficina. Para Pedro:

Pra oficina eu sempre faço uma previsão de... Eu, como administrador, né, cara, não terminei ainda, mas faço administração. Tô indo pro final do curso já. E eu sempre faço, eu planejo. O *Reciclave* não é simplesmente um projeto. Nesse projeto eu prefiro trabalhar sozinho nele. Pra quê? Pra ter o controle nisso. Pra poder administrar. Eu sei daonde veio, quais são as metas, quais são os planejamentos, o que entra e o que sai, o que gira, o que gira de arrecadação, o que gira de parcerias, e [com] quem eu posso ou não fechar parcerias [...]. E então eu bolo, vejo ali mais ou menos tudo pela internet, um “x” de pessoas. Se eu vejo, por exemplo, um evento ali no facebook: se 30 pessoas confirmaram, pode ter certeza que 10 vão aparecer. Certo! Aí eu levo 10 latinhas, porque sei que aí, no sábado no Germânia, se eu trouxer 10, eu vou terminar a oficina com 50 latinhas, porque é tudo no chão! Então às vezes eu saio com um número mínimo [de latinhas] porque vou saber que vai amassar. Saio [com] de 5 a 10 se for trabalhar só com latas e vou pegando [outras] pela rua. Assim como isso aqui, cara [mostrando uma lata de tinta que recolheu no caminho do parque quando ia para nossa entrevista]: isso aqui posso tocar amanhã que ainda vai tá bom, e não vai se desfazer. É capaz de quebrar todas as baquetas que não vai se desfazer. Então eu me preocupo muito mais com a logística das baquetas pro pessoal, e [em] como dividir a turma pro pessoal trabalhar, do que com o material, porque o nosso material, querendo ou não, os nossos instrumentos estão aí nas ruas, né, cara? Então, sempre o que é básico, que eu não vou conseguir toda hora, é só a barra de ferro que eu trago. O resto tá na rua, tá por aí. [...] Nosso set percussivo tá por aí, tá na rua. Então, bah, é projeto social? Não, não

é só [isso]! É arte de rua [...]. (Pedro, comunicação pessoal em 21 de outubro de 2012).

As crianças, elas conseguiram ver com “outros olhos” a questão de reutilizar o lixo. Não garanto que essas mesmas crianças nunca mais jogarão fora uma garrafa *pet*, uma lata ou qualquer outro material que utilizamos na oficina, mas sei que agora eles já conhecem as possibilidades de coisas que se pode fazer com esses objetos. E a reação da criança, de querer contar tudo que vivencia aos pais, também é um fator muito importante, pois, ao relatar sobre a oficina em casa, paralelamente ela leva a conscientização aos pais também, que por sua vez, podem, ou não, serem influenciados pelos filhos.

Para Cândido:

No início, assim quando a gente começou com o projeto tinha uma certa barreira, hoje o que eles querem fazer é isso né: tirar um som diferente, reutilizar aquilo ali, ser multiplicadores. Com certeza eles, quando ficarem adultos vão ver que dá pra fazer [os instrumentos] em casa, com certeza. (Cândido, comunicação pessoal em 19 de novembro de 2012).

Achei importante perguntar para Cândido, pois seu trabalho é feito com uma turma fixa: Será que existe alguma preocupação ecológica nos estudantes após participarem das oficinas? Será que a oficina consegue ampliar a conscientização deles?

Sim eles ficam. É um processo né. Então são crianças de 10 a 15 anos, eles também são conscientizados em relação às outras crianças, que sabem que têm a possibilidade de usar aquela roda de moto que a gente pega e faz um tambor, a embalagem de detergente que faz um instrumento de efeito. É isso aí (Cândido, comunicação pessoal em 19 de novembro de 2012).



Achei importante realizar essa pergunta com Cândido, pois como trabalha com encontros constantes e com os mesmos alunos, ela poderia ser respondida de uma forma mais densa.

No caso do *ReciclaMusicando*, a conscientização caminha junto com a prática musical. Em cada momento de conversa com os alunos nas aulas são trazidos relatos de instrumentos que foram construídos em casa, influenciados pela proposta do projeto e muitas vezes com ajuda dos pais. Ver que a cada encontro, a turma se preocupa em cuidar desses instrumentos é muito gratificante. Um fato muito importante e que o *Tambor Falante* tem em comum com o *ReciclaMusicando* é a integração dos instrumentos, ou seja, trabalhar mesclando instrumentos comprados, feitos em fábricas, com os instrumentos construídos em sala de aula. Essa ligação me chama muito a atenção bem no ponto da integração: fazer com que o aluno perceba que aquele material reciclado não é mais lixo, ele está sendo executado em conjunto com instrumentos “verdadeiros” e deve-se tratar todos como iguais, tanto na execução quanto nos cuidados com manuseios e manutenção.



2.2. Metodologias na prática musical com instrumentos reciclados

Um dos itens importantes na proposta do *ReciclaMusicando*, é o seguinte: todos os estudantes passam pelo processo de construção de cada tipo de instrumento que é sugerido. No caso, são cinco tipos de instrumentos que inicialmente estou oferecendo nas oficinas: tambor de lata com pele de plástico, flautas de garrafa *longneck*, dois tipos de chocalhos feitos com garrafa *pet* e galões de plástico que usamos com surdas e tumbadoras. E já pensando no mesmo foco da construção, a execução se dá a partir disso, de forma que acontece um revezamento de instrumentos por todos os alunos até chegar um ponto em que eu, como regente e coordenador, oficializo as posições de naipes de instrumentos em que cada um irá atuar de acordo com as desenvolturas deles. Segundo Prass, em sua pesquisa em uma bateria de escola de samba (2004):

Essas funções dos instrumentos são fundamentais na concepção dos arranjos realizados pela bateria, já que tais funções são responsáveis pelas peculiaridades técnicas e musicais do naipe, de acordo com sua função dentro da bateria (PRASS, 2004, p. 65).

Diário de campo, 17 de Outubro de 2012.

Focamos nos exercícios de ritmo com leitura de partitura. Escrevi umas células rítmicas no quadro para os alunos praticar em conjunto. A turma se saiu muito bem, mas logo em seguida começaram a pedir para tocar outras coisas e se mostraram muito ansiosos para tocar os instrumentos que a escola comprou para o projeto. Foram oito surdos, duas caixas e dois ganzás as novas aquisições da escola. Já andamos praticando com esses materiais e lógico que se tornaram uma preferência da criançada!

Consegui trazer o foco para os exercícios no quadro e mais uma vez expliquei que temos que praticar com nossos instrumentos reciclados e focar no projeto. Sempre deixei bem claro a todos os alunos sobre o projeto que estou realizando e que eles fazem parte. Claro que tenho que lembrar sobre esse projeto no momento que eles optam para tocar com os instrumentos da escola: basta só falar sobre o projeto que a turma se restabelece e volta ao foco dos instrumentos reciclados. Mas sempre que temos um momento, levo os alunos ao pátio para tocar com os novos

instrumentos, porém, ainda faltam comprar baquetas e talabartes para os mesmos, por isso que ainda não os estamos usando em projetos paralelos ao ReciclaMusicando.

Terminados os exercícios de leitura de partitura e prática de ritmo, que foram bem intensos na parte de execução dos instrumentos e da exigência corporal, dei um pequeno intervalo para a turma relaxar e conversar um pouco. Aí a bagunça tomou conta, tive que conter os alunos para não gritarem e correrem muito, somente conversar moderadamente até iniciar a próxima atividade. Aproveitei esse momento para afinar o violão, pois logo começaria a ensaiar nossas composições. Nesse momento se juntaram mais dois alunos querendo tocar o violão. Ao afinar, liberei o instrumento pra eles tocarem uns acordes, estão recém aprendendo a tocar, por isso não saiu muita coisa.

Passado o tempo de intervalo, reuni os alunos em círculo para tocar e cantar as composições, quando então foram entregues as letras das músicas pra quem ainda não as decorou. A turma se manteve com o ritmo firme durante todo o ensaio me deixando super contente, tanto que resolvi não passar tantas vezes as músicas para não desgastar os alunos conforme havia refletido na aula passada. Com isso propus para descermos ao pátio e esperar até à hora de ir embora sentados ao sol.

...

Trabalhar leituras de partituras rítmicas com alunos ainda não aprofundados na teoria musical, é um grande desafio. Tive que escrever da forma mais clara possível, a fim de que todos na turma pudessem visualizar os ritmos e executá-los. Esclarecendo este assunto trago uma explicação de métrica, ritmo e compasso por Bohumil Med em seu livro Teoria da Música, que tenho como um grande aliado no ensino teórico musical. Então, segundo Med (1996):

Métrica – na música, é a teoria do compasso e do ritmo; é a técnica musical que trata de estruturação do ritmo e da melodia. Ritmo – é a distribuição ordenada dos valores; é a relação entre as durações das notas executadas sucessivamente. O Compasso separa os valores com acentuação periódica, alternando-se entre “forte” e “fraco” (MED, 1996, p. 128).

Seguindo estes passos de Med (1996), adaptei uma partitura rítmica, onde graves e agudos estão divididos somente por uma linha central, focado diretamente nos alunos iniciantes. Para os alunos que apresentam ainda mais dificuldades, dei nome para os dois timbres, agudo (TÁ), correspondente às notas acima da linha

central, e grave (*TUM*), correspondente às notas abaixo da linda *central*. Nomenclatura simples e já muito conhecida de percussionistas populares.

Falando deste tema, Cândido, do *Tambor Falante* relata como são utilizados e trabalhados os ritmos brasileiros, foco principal da sua oficina:

O que a gente faz: a gente estuda, a gente faz os ritmos brasileiros, os baiões, o maracatu. Então a gente toca o maracatu [e] ao invés de tocar com alfaia, a gente toca com tambor mesmo. Usamos bastante o berimbau também, só que o berimbau em cima do *cajón*, que a gente chama de *Berijón*. Usamos balde também. O *cajón* a gente que constrói também. É por aí que a gente vai (Cândido, comunicação pessoal em 19 de novembro de 2012).

Com o Pedro, o *Reciclave* tem uma proposta de divisão por naipes, explorando muito os timbres e formas de se executar com as baquetas:

Ele vai, é como eu falei, eu divido sempre por idades e divido também, eu sempre foco no evento que eu vou fazer, se vai ser numa empresa, faculdade que cada um vai ter um foco diferente. Mas geralmente, que é o que eu faço que é praças e parques, eu faço um circuito: ponho latas dum lado, ponho baldes do outro. Divido agudos, médios, graves pro pessoal poder conhecer um pouco de cada um. O pessoal vai girando e eu fico no meio com... vamos supor... com essa lata, mostrando como bater, como segurar a baqueta para o pessoal não se machucar. Fico, vamos supor que deste lado tenha latas, desse lado *longnecks* e desse lado garrafa *pet*. Eu vou tá com um exemplar no meio de cada um mostrando ó [mostrando os sons dos materiais]. Trabalhou ali, trabalhou aqui, trabalhou ali. Então é isso aí, centralizado, mostrando pra todo mundo (Pedro, comunicação pessoal em 21 de outubro de 2012).

No decorrer do ano de 2012 foram realizadas algumas apresentações do *ReciclaMusicando* na Escola Rio de Janeiro, entre várias outras atividades envolvendo práticas de ritmo, percussão corporal, incluindo a utilização do método *O Passo* (Ciavatta, 2009), improvisações a partir de células rítmicas, até desenhos para pintar, de diversos instrumentos, a fim de identificar e conhecer instrumentos novos. Todo esse trabalho caminha paralelamente junto com a proposta de prática em conjunto do *ReciclaMusicando*.

Para estabelecer ainda mais esse diálogo sobre arranjos, improvisações, e mostrar como funciona o andamento do projeto, segue mais um trecho de meus diários de campo.

Diário de campo, 24 de Outubro de 2012

“A aula de hoje foi dedicada ao ensaio dos arranjos, já que teremos uma apresentação no final de ano, pelo encerramento do projeto Mais Educação de 2012. Logo no início do trabalho houve conturbações na turma, pois alguns alunos não queriam cantar a música e sim tocar. Mas logo tive que ressaltar que durante todos os outros momentos de práticas, estes mesmos alunos não demonstraram tanto interesse em tocar, e quando o fizeram, apresentaram bastante dificuldade em acompanhar o grupo, por isso que escalei o grupo de tocadores de instrumentos conforme sua capacidade de executar em conjunto, deixando claro que teríamos sempre momentos para praticar os instrumentos, a fim de que todos possam aprender e se desenvolver cada vez mais.

Em seguida tudo se acalmou, passamos e repassamos as músicas por diversas vezes até ficarem prontas, sem erros durante a apresentação em sala de aula. Junto com as duas músicas compostas, o grupo estava ensaiando outras composições, tais como, Maria Maria, de Milton Nascimento e Fernando Brant⁶. E também a música Mais que nada, de Jorge Bem, que foi uma das sugestões pelo grupo.

Os arranjos que montamos foram bem simples. Para Maria Maria, fizemos em ritmo de reggae, com duas vozes de tambores, chocalhos, violão e agogô de madeira. Já para Mais que Nada, o grupo de tocadores se reduziu para três alunos, com um pandeiro, um surdo de galão de plástico, outro no agogô de metal e eu no violão. Passamos as músicas consecutivamente já pensando em formato de apresentação, sem muitos intervalos entre cada música.

Tivemos algumas dificuldades para acertar as músicas e para os alunos decorarem todas as letras. Como alguns não conheciam as letras das duas músicas escolhidas, em alguns momentos, o grupo que estava cantando mostrou insegurança e timidez”.

...

Meu foco sempre é de buscar facilitar a vida dos alunos, mas também mantendo toda a beleza de atuação possível na hora em que vamos nos apresentar. Por vezes fui um tanto rígido com os alunos: se o aluno não estava conseguindo executar seu instrumento de forma que acabava atrapalhando os demais do naipe

⁶ Música primeiramente apresentada no Dia das Mães, evento que ocorreu na escola.

de instrumentos a que pertence, é retirado do naipe e aguarda uma próxima oportunidade. Esta é uma das regras do *ReciclaMusicando*, sempre na intenção de que devemos estudar e prestar bastante a atenção às explicações, e também fazer valer a pena cada momento, porque cada posição dentro do grupo é decorrente de esforço, dedicação e merecimento.

Nesse sentido trago outro relato de diário de campo, que fala sobre fortalecimento de confiança, aquela confiança que buscamos para acreditar que tudo vai dar certo.

Diário de campo, 31 de outubro de 2012

“A fim de fortalecer a confiança do grupo, fiz um intensivo de ensaio de canto, para todos tentarem memorizar o máximo possível das quatro letras das canções que apresentaremos. Insistentes querendo tocar os instrumentos, alguns alunos começaram a reclamar e a não querer cantar. Logo eram os mesmos alunos que só tocariam. Então como não houve interesse em aprender a cantar essas músicas, separei os alunos dos grupos de instrumentos, dos alunos dos grupos de canto para trabalharem sozinhos. Deu certo e logo pudemos nos reunir novamente e fazer outro ensaio geral, que desta vez foi muito produtivo. Senti tanta firmeza no grupo que resolvemos chamar a direção da escola para assistir uma pré-apresentação. Foi um sucesso, o grupo tocou muito bem, todos muito seguros e com firmeza no que estavam fazendo. Isso durou pouco mais da metade da nossa aula e, com isso, decidi liberar a turma para o pátio com recreação livre.

Nada como uma motivação para dar mais força e firmeza no grupo. Ensaios intensivos ao meu ver são os melhores. Até porque sempre tive essas experiências intensivas com os grupos musicais com que trabalho. Como músico profissional, a execução precisa ser a melhor possível, segura e transmitindo alegria e prazer em realizar mais um trabalho musical. Esta é a mensagem que sempre passo aos meus alunos quando estamos entrando em processo de ensaios a fim de nos apresentarmos”.

...

Nas apresentações também explorei o canto em conjunto, em uníssono, na intenção de unificar toda a apresentação com harmonia do violão, percussão e voz.

Como músico atuante em diversas bandas do cenário gaúcho, sou bastante influenciado pela ideia de montar uma banda, coisa que procuro trazer pra dentro do grupo na prática de conjunto, focada nas apresentações. Os ritmos que são apresentados para trabalharmos nas oficinas são fruto de pesquisa de músicas que possam ser acompanhadas por naipes de percussão em apresentações públicas, ou até mesmo como exemplo desses ritmos. Reggae, ijexá, baião, funk, samba reggae e côco de roda já estão firmes na “pegada” da turma!

2.3. Conscientização através da Educação Musical

O que é elevar a consciência? Como fazer com que uma pessoa mude seus pensamentos e formas de agir? Essas questões sempre invadem meus pensamentos quando estou exercendo a função de oficinairo do projeto *ReciclaMusicando*. Trago a conscientização como carro-chefe da proposta de trabalho, pois com ela é que vamos conseguir alterar, influenciar alguma coisa para a nossa sociedade. Perguntei sobre isso ao Pedro e ao Cândido que coordenam projetos semelhantes, sobre o que achavam mais importante em seus projetos, na intenção de perceber com mais clareza essas idéias, e ver outras formas de pensar e agir sobre o mesmo tema.

Para Pedro do *Reciclave*, a conscientização também é o carro-chefe do trabalho, mas caminha junto com fatores também pessoais, que a música, os instrumentos, podem ser para qualquer um, sem discriminação de gêneros, aparências ou estado físico. Pedro ressalta o seguinte:

O mais importante, cara, é a conscientização! Exatamente! Até mesmo assim ó: dependendo do foco que eu vou dar, eu questiono antes de ensinar o pessoal a tocar. Por exemplo: se eu falo a palavra percussão que, lógico eu não vou fazer essa pergunta pra ti né, cara?! [Risos] Mas se eu falo, por exemplo: ô Rochele [menina que estava presente durante a entrevista], se eu falo pra ti a palavra percussão, o que vem na tua mente? [Perguntou à menina]:

- Barulho organizado.
- E pra ti, Nando? Tu é músico! [outro rapaz que estava com um violão na espera da oficina].
- A mesma coisa.

Aí pergunto pra qualquer outra pessoa: Ah, vem Olodum, vem samba, escola de samba. Só que aquilo é padrão, é sempre. Se não for samba, se é Olodum (Bahia), é sempre... Não meu, [...] a música é pra todo mundo. Não significa que o cara more aqui, tá ligado [apontou para os prédios enormes perto do Shopping Iguatemi], que o cara vai ter grana pra ter uma batera de doze paus na mão, que toque tão bem. Assim não significa que o cara [que] não tenha grana, que o cara não vá conseguir fazer uma música *top* e vice e versa (Pedro, comunicação pessoal em 21 de Outubro de 2012).

E continua:

Então essa parte da conscientização social, além de mostrar, pô não é lixo, é música, velho! Não é lixo, é decoração. Não é lixo, é adereço. Não é lixo, agora é roupa também. Ah... e aí a parte ambiental, né, cara, que aí não precisa ser muito aprofundada. Porra, não é o lugar ali né, mano? Levanta daqui, tem lixeira ali, tem outra ali, outra lá. Saca? E a sorte que é tudo seco aqui né, velho. Se fosse algo já orgânico, aí o problema era maior. Então esse é o foco, a parte social e ambiental (Pedro, comunicação pessoal em 21 de outubro de 2012).

Já para Cândido, do projeto *Tambor Falante*, de Viamão,

o mais importante assim é... que tá cheio de talentos por aí, né? Pra criança, é fácil de trabalhar ela porque ela fica mais consciente com a ecologia, com a música, fica mais sensível, se concentra mais nos estudos. Então, são uma série de fatores. Então a gente tá formando um adulto melhor (Cândido, comunicação pessoal em 19 de novembro de 2012).

Outra questão importante se refere à reação das crianças após reutilizarem o lixo, transformando-o, pois esse fator é um foco fundamental na questão de conscientização, assim como uma resposta imediata de uma das questões fundamentais do projeto: a conscientização ecológica. Nas oficinas que ministro, quando ouço algum aluno relatar que construiu um instrumento musical em casa com material reciclado - aquela garrafa de “refri” que se transforma em um chocalho - isso mostra tópicos importantes e que também me levaram a ressaltar trechos da pesquisa que fiz.

Para Pedro,

como eu não trabalho só com crianças, a reação é sempre a distância, né? Total. Mas a da criança é sempre a de alegria, a chamada “pilha”: olhou “meio assim”, [viu que] é música e vem batucar, como aconteceu no domingo [evento ocorrido na semana anterior, no parque Germânia]. Pessoal de 11 meses, mal segurava as baquetinhas, pau e pau nas latas. Pega o pessoal ali já de 6 anos,

já tem mais uma noção. O pessoal já dos 10, 12 [anos], ôpa! Dá pra fazer música em casa! O pessoal já mais velho, pô! Já tem outras possibilidades! Aí pega o pessoal de uns 20 e poucos já tem mais consciência. O pessoal mais velho, pô, tô jogando lixo no chão, dá pra mudar isso! Então é sempre algo de espanto e do: Pô, eu faço parada errada e posso mudar, né?! Só um pouquinho, mano, talvez eu não consiga salvar o mundo, mas a minha parte eu faço. Essa é a reação deles, é de espanto (Pedro, comunicação pessoal em 21 de outubro de 2012).

No *ReciclaMusicando* realizei um longo processo de valorização dos materiais, procurando fazer com que os alunos percebessem o quão importante é trabalhar a reciclagem, não jogar o lixo no chão, separar os materiais que possam ser reutilizados do lixo orgânico. E todo esse trabalho, sendo executado através da música, com ritmos, jogos musicais, cantos e danças, ao som de instrumentos feitos com materiais do nosso cotidiano, tem gerado um resultado muito positivo.

O que esses depoimentos demonstram é que todos esses projetos estão, de certa forma, no mesmo caminho, tendo idéias, buscando formas de atuar e metodologias diferentes para atingir objetivos semelhantes enquanto educadores musicais. Assim se pode compartilhar de um mesmo propósito com a certeza que muitos conhecimentos serão trocados entre propostas diferentes, mas com a certeza que passamos e trilhamos diversos caminhos que, no final podem ser um só: o da conscientização através da música.

2.4. A luta dos gêneros

Quando comecei a trabalhar diretamente com crianças, pude perceber algumas fases e atitudes que vão se alterando através do tempo. Pude também lembrar desta minha parte da infância e adolescência, quando, por certa idade as meninas eram inimigas e o que só interessava a mim, como menino era brincar, zoar e ficar entre os outros amigos do mesmo sexo. Esta fase perdurava na faixa etária dos oito aos dez anos de idade aproximadamente. Isso em meados dos anos 90. Hoje em dia vejo que tudo está diferente, mais rápido.

Tenho alunos que com dez anos de idade que “ficam”, “namoram”, “gostam”. Meninos e meninas que têm sentimentos não só de criança, mas já com pensamentos mais adolescentes, de querer estar junto com pessoas do sexo

oposto. Para reforçar mais esta idéia trago a citação de Letícia Guimarães, na monografia disponível no site *Brasil Escola* que diz o seguinte:

A criança é um ser social cujo processo de desenvolvimento depende do contexto sócio histórico em que vive. E, a escola é um dos locais em que as crianças manifestam relações diversas, apresentando questões recorrentes quanto à formação do sujeito e seu lugar na sociedade. Talvez uma das mais marcantes, do ponto de vista das relações entre os seres humanos seja a questão de gênero. Assim, a escola é um dos primeiros lugares em que a criança se depara com as diferenças, inclusive as de gênero. Meninos e meninas disputam/dividem espaços, reproduzem/superam valores, entram em conflitos (GUIMARÃES, 2010, s/p).

Mas tratando da questão de submissão, desmerecimento e desvalorização das mulheres, ainda se encontram traços marcantes disso na contemporaneidade. Dentro do projeto *Reciclamusicando*, na sala de aula, ainda acontecem alguns preconceitos com o ser feminino. Como exemplo trago o relato de que por diversos momentos nos ensaios das oficinas houve algumas discriminações com as “gurias”. Com a pretensão de desvalorizá-las, os “guris” da turma se juntavam para comentar: “*Pô gurias, larguem esses instrumentos, o lance de vocês é só dançar pra gente ver...*”. Frases deste tipo surgiam com frequência, fazendo com que a reação da ala feminina da turma fosse imediata. Como resposta, muitas vezes, vinha a tentativa de mostrar que as meninas também podem tocar instrumentos, e não apenas sozinhas, mas também junto com os meninos.

Por vários momentos passei por esses processos em que tive que ter pulso forte e trabalhar a questão incentivadora com as gurias, que por vezes ficavam reprimidas, não querendo mais tocar. Ressaltando essa ideia de que as mulheres eram vistas apenas como símbolos de beleza, trago a citação de Berger (1973):

Pintava-se a mulher nua porque era aprazível olhar para ela, punha-se em sua mão um espelho e chamava-se a pintura de *Vaidade*, condenando dessa maneira a mulher, cuja nudez representou-se para o próprio prazer. A verdadeira função do espelho era outra. Era a de fazer a mulher conivente ao ser tratada como, em primeiro lugar e acima de tudo, objeto de uma vista (BERGER, 1973, p. 53).

Tive que mostrar que sim, que as “gurias” estavam tocando super bem, tanto quanto qualquer outro aluno dentro da sala, e que sim, poderiam participar do grupo em todas as apresentações sendo sua presença fundamental. Trabalhando a parte psicológica, tenho que por vezes relembrar da auto-estima de algumas alunas e

chamar a atenção dos alunos para que não pensem ou ajam desta forma preconceituosa. Em alguns momentos tomei a iniciativa de juntar com o mesmo instrumento gurias com guris, um de cada sexo, a fim de provar que elas tocam tanto quanto eles, ou até melhor. Constatando ainda mais esta reflexão trago outro trecho de Guimarães (2010) que diz o seguinte:

O papel do (a) docente é fundamental no processo de construção do conhecimento, ao atuar como um profissional a quem compete conduzir o processo de reflexão que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos, o professor deve ter discernimento para não transmitir seus valores, suas crenças e suas opiniões como sendo verdades absolutas ou princípios a serem seguidos (GUIMARÃES, 2010, s/p).

No *ReciclaMusicando*, todos os naipes de instrumentos de percussão são mesclados com gurias e guris, buscando não desmontar preconceitos de gênero, mesmo que ele ocorra por vezes por parte de alguns alunos. Mas o trabalho de fortalecimento de cada aluno, auto-estima, acreditar que consegue participar de um trabalho em grupo é sempre fundamental. Para seguir em frente em um mundo no qual foi inserida uma linha de pensamento capaz de desvalorizar outro ser da nossa mesma espécie.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos esses processos vivenciados como pesquisador causaram um grande impacto em meus pontos de vista. Como acadêmico, professor, músico e principalmente como pessoa. Toda essa vivência que tive, percorrendo outros “mundos”, referentes à reciclagem com educação musical, foi muito gratificante, pois, foi de grande aprendizado cada momento que estive junto, tanto do *Reciclave* quanto do *Tambor Falante*, que mostraram outras formas de trabalhar com a música, com a reciclagem, com a conscientização e, muito importante, com a forma de lidar e compartilhar seus conhecimentos com as pessoas.

Saber que existem outras pessoas com a mesma iniciativa, o mesmo incentivo que o projeto que você realiza, é algo surpreendente. Cada momento de troca de conhecimentos que obtive com os grupos *Tambor Falante* e *Reciclave*, foi inovador. Ao elaborar um acompanhamento comparativo de todas essas metodologias, procurei mostrar como existem caminhos e campos diversos para seguir, na intenção de chegar ao mesmo propósito: a conscientização através da música, uma arte sonora/visual que contempla, de forma ecológica, a vida de todos que vivenciam as oficinas destes projetos. Para aprimorar ainda mais todas essas idéias trago uma das conclusões da pesquisa sobre ensino coletivo de Cruvinel (2005):

A matéria-prima da música é o som, algo concreto. Entretanto, ao longo de séculos, a música esteve ligada apenas ao abstrato, ao sensorial, ao mundo das impressões e dos sentimentos. A prática musical é uma atividade que age subjetivamente por meio de processos ainda não totalmente explorados. Porém, é preciso transpor as barreiras do subjetivismo, buscar entender o objetivo, o concreto, e qual a função que a música exerce na sociedade. Em primeiro lugar, a música é feita de maneira concreta e, em segundo, exerce influências observáveis ao ser humano (CRUVINEL, 2005, p. 229).

O ser humano é muito sensível e sensitivo aos momentos e suas emoções, quando influenciadas por um ato artístico, pode levar ao rompimento de barreiras de medo, insegurança e até mesmo transformar questões de valores educacionais, aqueles que são dados em casa. Valores que, por vezes, seria só uma questão de abrir a consciência e deixar-se vivenciar novas oportunidades. Falo do momento em que participamos em conjunto de um ato artístico, musical, esse momento que pode

causar sensações familiares de bons sentimentos da vida, tornando assim, a música como um objeto de inspiração para viver bem. Levando em conta que parte do nosso corpo é composto de água, e que a água é um elemento totalmente estimulável por frequências vibracionais do ambiente ao seu redor, trago um comentário de Salazar (2007) ressaltando que:

Quando as ondas sonoras que se propagam pelo corpo humano harmonizam-se com sua frequência de vibração, provocam uma ressonância benigna que se irradia por todas as suas células vivas, restaurando e fortalecendo o sistema imunológico. A quantidade de água que nosso corpo contém se iguala a uma profunda massagem nos níveis atômico e molecular. O ser humano, portanto, é semelhante a um instrumento musical extremamente complexo, único e muito bem afinado. Cada um de seus átomos, moléculas, células, tecidos, órgãos, continuamente transmitem vida às frequências energéticas dos corpos físico, emocional, mental e espiritual. A voz é um indicador da sua saúde em todos esses níveis de existência. Ela estabelece um relacionamento profundo entre o indivíduo e essa magnífica rede de vibrações que é o cosmos. (SALAZAR, 2007, p. 27).

Ao falar de frequências, trago ao leitor aqueles momentos de sentimentos bons, em que por algum momento estamos tristes, desencorajados de realizar algo, e por algum instante aquele som, aquela música com frequência boa e positiva, ou uma simples mudança de pensamentos, faz com que nossa auto-estima se eleve, trazendo à tona sentimentos de alegria e inspiração. Vontade de participar, de estar presente aos momentos. Segundo Torres (2002):

A atividade didático-musical realizada permitiu perceber certos aspectos sócio-psicológicos e emocionais dos alunos dessas turmas ao se exprimirem de forma oral e corporal, inclusive aqueles que tinham alguma dificuldade de socialização em seus grupos (TORRES, 2002, p. 148).

Procuro sempre incentivar todos os alunos a participarem e se libertarem do medo de deboches, pois todos estão na sala como iguais, aprendendo a tocar juntos e unidos em um só ritmo, fazendo música em conjunto.

Durante todo o momento de escrita e planejamentos das aulas, e após ter conhecido o Pedro e o Cândido, meus pensamentos foram influenciados por essas novas vivências, coisa que vou levar para sempre em minha bagagem. E o mais importante é saber que estamos somente no início de uma jornada, que tudo pode se expandir ainda mais. E que a cada momento tem mais gente vendo e revendo

seus pensamentos e formas de agir, sendo influenciadas pela música ou por qualquer outro meio de inspiração.

A música é um veículo, ou posso dizer, um “caminhão enorme”, e com uma bagagem que pode ser usada para traduzir questões, influenciar e refletir diversos tipos de temas. Sendo usada para a conscientização, atua com a firmeza de que o mundo pode mudar, ou melhor, de que as pessoas podem pensar de uma forma diferente, pois ela toca direto em seus corações.

Saber trabalhar música com grupos de crianças não é uma tarefa fácil, e ainda mais quando se trata de turmas com muitos alunos. Já tive a oportunidade de trabalhar com crianças na área da música, mas sempre haviam sido aulas individuais, e nos estágios supervisionados do curso de graduação. Agora, com a experiência na Escola Rio de Janeiro, tive essa tarefa a longo prazo, durante todo o ano, com turmas fixas e em período extracurricular, e ainda com alunos que não tinham noções musicais, tendo eu que trabalhar com eles desde o princípio. Vieira (2011) ressalta o seguinte:

Observo que crianças, ao se interessarem por uma aula de música, têm em mente tocar seu instrumento e dele ouvir melodias conhecidas. Seria isto “fazer música de verdade”? Como tornar fluente esse processo de tocar e cantar, sem os excessos de pré-requisitos a que fomos acostumados: que aprenda a ler e escrever música antes de tocar qualquer coisa, como se aprendêssemos a ler antes de falar? (VIEIRA, 2011, p. 51).

Ter esse contato me fez vencer muitas barreiras de didática, ética, paciência e principalmente confiança, para conseguir manter o controle e a atenção de todos. Mas como na vida temos que passar barreiras e estamos em constante processo de desenvolvimento, fui em frente colocando boas vibrações nas minhas tarefas e muito foco.

Mesmo com um determinado material que foi para o lixo, podemos construir um instrumento musical, voltando a circular o material que já havia anteriormente sido descartado.

Durante minha jornada pela música, tive idéias, sonhos, pensamentos de como realizar um trabalho com a música no qual pudesse causar um impacto e que agregasse algo ao nosso planeta, que por causa da nossa “evolução” sofre a cada dia. Achei mais um caminho que ainda precisa de muitos ajustes, mudanças, e novos planejamentos, um caminho que recém nasceu.

Tambor Falante, Reciclave e ReciclaMusicando são nomes de projetos que, como outros do Brasil, visam uma forma alternativa de ensino, voltada para a música, arte, dança e sempre com a educação ambiental caminhando junto. Arrecadar materiais reciclados tirando-os do lixo, do nosso planeta, levando esses materiais para as mãos de crianças para uma nova forma de criação, expressando suas idéias, criatividade vinculadas com a música é um caminho. Segundo Cruvinel (2005):

A vida contemporânea, cada vez mais, limita a capacidade de percepção do homem. Sem dúvida, o avanço tecnológico trouxe grandes benefícios para o mundo. Porém, da mesma forma, trouxe mais desigualdades, diferenças sociais e limitações. Cada vez mais, o homem afasta-se de seus hábitos e suas atividades milenares essenciais. A partir do contexto tecnológico, o homem já não toca um instrumento, prefere ouvir música pelo rádio, pela televisão, ou pelo CD. O homem já não constrói com as próprias mãos. Compra tudo. É preciso resgatar certas características humanas que com passar do tempo se perderam ou se deturparam. O homem está perdendo sua essência. Não se contemplam mais a natureza, as pessoas, as belezas do mundo. Quando se fala em construir com as próprias mãos, pensamos também no contato do homem consigo mesmo. Por meio do processo artesanal, o homem pensa, cria, transforma. Por isso, não se pode limitar a capacidade do homem de utilizar suas habilidades em busca de uma vida melhor, de um mundo melhor (CRUVINEL, 2005, p. 244).

Somos grandes criadores e incentivadores, basta estarmos centrados, com foco na tarefa a ser realizada. A criatividade está dentro de cada um e deve ser explorada ao máximo, pois com ela, é que conseguimos demonstrar todo um processo de libertação e criação. A criatividade se torna uma fonte de inspiração para a vida na forma em que podemos realizar e ultrapassar qualquer barreira que surgir em frente de nossas vidas. Somos donos de nossa criatividade, basta por vezes, o educador saber explorar, saber ouvir, saber sentir as possibilidades em cada um, que por vezes se mostram reprimidas.

Com toda a comodidade tecnológica, temos tudo ao alcance das mãos. Esse fato, que é muito favorável por um lado, por outro torna a criatividade do ser humano cada vez mais longe da realidade. Penso que o educador deve reativar essa veia criativa em si mesmo e em seus alunos.



A construção dos instrumentos com material reciclável serve como um veículo de inspiração da criatividade humana e faz com que essa chama criativa permaneça, ou volte a ficar sempre acesa, pronta para agir quando necessário. Sentir os sons, explorar timbres, novas sonoridades com materiais descartáveis. Como disse Pedro, do projeto *Reciclave*: “lixo é o que não tem mais utilidade, o resto é descartável, é reciclável.” E esses sons produzidos de forma orgânica e artesanal causam uma fonte de inspiração para novas pesquisas dentro da paisagem sonora. Segundo Schafer (2011):

Qualquer coisa que se mova, em nosso mundo, vibra o ar. Caso ela se mova a modo de oscilar mais que dezesseis vezes por segundo, esse movimento é ouvido como som. O mundo, então, está cheio de sons. Ouça. Abertamente atento a tudo que estiver vibrando, ouça. Sente-se em silêncio por um momento e receba os sons (SCHAFER, 2011, p. 112).

A vida me trouxe esta missão e não pude deixar de abraçar a causa. Por isso resolvi dedicar a minha formação acadêmica à formação de professor, vinculando este projeto de pesquisa, com projetos pedagógicos concretos. Plantar para colher,

semear o chão, a fim de realizar uma atividade que traz um impacto de cunho social não só para a população, mas sim, para o planeta em que vivemos.

Hoje posso contar com vários apoiadores, tanto fornecedores de materiais como músicos e professores interessados em atuar junto à minha equipe. Trazer para as crianças a motivação de um de um show com músicos profissionais em atuação no cenário musical do Rio Grande do Sul, trabalhar a composição musical, são fatores que elevam cada vez mais a vontade de participar em conjunto. É sempre muito bom saber que podemos contar com a colaboração de amigos e, principalmente, ver que há muita gente disposta e querendo mudar o mundo, mudar o modo como a população hoje vive, que de forma errada, acaba esquecendo da sua verdadeira essência que é a terra. Nós evoluímos, mas destruimos o planeta! Vamos mudar, colocar mais vida dentro de todos nós. Essas idéias são a chave dos caminhos do *ReciclaMusicando* que, com este relato, encerro apenas mais uma etapa percorrida de muitas que virão.

Gratidão, gratidão, gratidão.

REFERÊNCIAS

- BEINEKE, Viviane. O ensino de flauta doce na Educação Fundamental. In: HENTSCHKE, Liane e DEL BEN, Luciana. **Ensino de Música – propostas para pensar e agir em sala de aula**. São Paulo: Editora Moderna, 2003.
- BERGER, John. **Ways of Seeing**. Rio de Janeiro: Rocco, 1973.
- CAMPOS, S. P. Sirlei. **A Oficina de Materiais Recicláveis no Ensino de Ciências e nos Programas de Educação Ambiental: Refletindo sobre a Prática Educativa**. São Paulo, 2003.
- CERVEIRA, Rosimeire B. **Construção de instrumentos na musicalização infantil** - XIV Encontro anual da ABEM em Belo Horizonte de 25 a 28 de Outubro de 2005 p.1.
- CIAVATTA, Lucas. **O Passo – Um Passo sobre as Bases de Ritmo e Som**. Rio de Janeiro: O Passo Produções, 2009.
- CRUVINEL, Flavia M. **Educação Musical e Transformação Social – uma experiência com o ensino coletivo de cordas**. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.
- FELIZ, Júlio. **Instrumentos Sonoros Alternativos - Manual de construção e sugestões de utilização**. Campo Grande/MS: Editora Oeste, 2002.
- FONTEERRADA, Marisa T. O. **Música e Meio Ambiente – Ecologia Sonora**. São Paulo: Irmão Vitale, 2004.
- GIL, Antonio C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOHN, Daniel **Educação Musical a Distância: Experiências com Construção de Instrumentos**. Trabalho apresentado no XVI Encontro Anual da ABEM e Congresso Regional da ISME na América Latina, Campo Grande: ABEM, 2007.
- GUIMARÃES, Letícia de Castro. **Relações de gênero na prática educativa**. São Luís do Maranhão: Centro de Ciências Sociais/Universidade Federal do Maranhão. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.
- KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. **Revista da ABEM**, número 10, março de 2004.

LIMA, Telma C. S. A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre v. 6 n. 1 p. 93-104. Jan./Jun. 2007.

MED, Bohumil. **Teoria da Música**. Brasília: Musimed, 1996.

PRASS, Luciana **Saberes Musicais em uma Bateria de Escola de Samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia**. Porto Alegre, UFRGS, 2004.

RECICLAVE. Disponível em: <http://www.faculdadedombosco.edu.br/noticias-detahes.php?id=1107>. Consulta feita em 03/05/2012.

SALAZAR, Maude Maudie Chiarini. **Yoga da Voz**. São Paulo: Tahyu, 2007.

SCHAFER, Murray. **O Ouvido Pensante**. São Paulo: UNESP, 2011.

TAMBOR FALANTE. Disponível em: <http://www.tamborfalante.com.br/sobre-projeto.html>. Consulta feita em 13/11/2011.

TORRES, Maria Cecília Araújo Torres. Construção de Instrumentos Musicais a partir de objetos do cotidiano. In: Souza J (org). **Música, Cotidiano e Educação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

VIEIRA, Eliane Maria O grupo BIGBANDA na escola Senador Correa e o programa de rádio da APAE de Rio Pomba. In: SANTOS, Regina Márcia Simão (org.). **Música, Cultura e Educação – Os múltiplos espaços de educação musical**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ANEXOS

SALVE A NATUREZA

2X

O PLANETA ESTÁ SOFRENDOS PELOS CRIMES AMBIENTAIS
LIXO, ESGOTOS, E OS DESMATAMENTOS.

O MUNDO ESTÁ DOENTE

POR CAUSA DA GENTE

PRESERVE O MEIO AMBIENTE

NÃO MATE OS ANIMAIS

CONTEMPLA A NATUREZA...

ABRA SEU CORAÇÃO

E PRESTE A ATENÇÃO

O MUNDO PRECISA DA GENTE

ENTÃO FAÇA DIFERENTE

SEJA A DIFERENÇA

REFRÃO

PRESERVE A NATUREZA

QUE ELA TE PRESERVARÁ

PRESERVE A NATUREZA

QUE ELA TE PRESERVARÁ

SALVE O NOSSO PLANETA

VAMOS TODOS NOS HARMONIZAR

PRESERVE A NATUREZA

QUE ELA TE PRESERVARÁ

PRESERVE O PLANETA

RECICLAR PARA REUTILIZAR

DIGA NÃO À POLUIÇÃO

E SIM À PRESERVAÇÃO

CUIDO DO PLANETA

2X

REPENSE O QUE VAI FAZER

PARA O PLANETA NÃO MORRER

REVEJA OS SEUS ATOS

E OS SEUS CONCEITOS

AJUDE O POVO DAS RUAS E OS ANIMAIS

PESSOAS QUE USAM DROGAS, DIREITOS IGUAIS

CUIDEM DA NATUREZA, DAS ÁRVORES, OS ANIMAIS

CUIDE DO PLANETA, DIGA NÃO À POLUIÇÃO!

DIGA NÃO À POLUIÇÃO

NÃO À POLUIÇÃO!

DIGA NÃO À POLUIÇÃO

NÃO À POLUIÇÃO!

DIGA NÃO À POLUIÇÃO

CUIDE DO PLANETA!

REFRÃO 2X